



TV OVO e a Construção de Identidades Juvenis por meio do Audiovisual¹

Neli Fabiane MOMBELLI²

Rosane ROSA³

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

Resumo

O presente artigo objetiva visitar conceitos trabalhados na disciplina de Mídia e Pluralismo do programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da Universidade Federal de Santa Maria. Para dinamizar a discussão, traz-se como caso a TV OVO, uma associação sem fins lucrativos, situada em Santa Maria, que dá formação técnica e cultural a jovens no audiovisual. Entre os conceitos abordados estão a constituição de identidades, o exercício da cidadania e a comunicação comunitária.

Palavras-chave: identidades juvenis, comunicação comunitária, cidadania

1 Identidades culturais contemporâneas

A discussão em torno da identidade entra em voga com a modernidade e, mais ainda, na pós-modernidade, em função da globalização e do crescimento de movimentos sociais, onde o modelo Estado-nação vê-se enfraquecido e simultaneamente as barreiras geográficas e econômicas são quebradas. Tudo passa a circular e a estar no mundo todo, fazendo com que a questão da identidade entre em crise.

A identidade tem se destacado como uma questão central nas discussões contemporâneas, no contexto das reconstruções globais das identidades nacionais e étnicas e da emergência de “novos movimentos sociais”, os quais estão preocupados com a reafirmação das identidades pessoais e culturais (WOODWARD, 2009, p.67).

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sul.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, email: nelifabiane@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora Adjunta do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, email: rosane.rosa@terra.com.br



Essa preocupação com a reconstrução das identidades cresce na medida em que o colapso do Estado de bem-estar social faz aumentar a sensação de insegurança. E, assim, no mundo líquido, abordado por Bauman (2005, p. 19), as pessoas se deparam com diversas “‘comunidades de idéias e princípios’, sejam genuínas, ou supostas, bem-integradas ou efêmeras”. Segundo ele, as identidades flutuam no ar e é preciso capturá-las em pleno vôo. Mas neste contexto entra outra questão, a dicotomia entre o fixar-se e o flutuar. “O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo” (BAUMAN, 2005, p. 35), pois ao mesmo tempo, flutuar significa o desapego a determinado lugar, o que pode causar ansiedade e insegurança, ao passo que fixar-se “dentro de uma infinidade de possibilidades não é uma perspectiva atraente” e pode causar angústia.

Ao discutir questões relacionadas às identidades destacam-se, ainda, a flexibilidade e a capacidade delas de se reconstruírem e se remodelarem conforme o passar do tempo, com as experiências vividas e com a capacidade de apropriação do sujeito na formação da sua identidade cultural. Hall (2009, p. 108-9) afirma que “elas não são nunca singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas”. Defende, também, que elas tem muito a ver com os sujeitos: “‘quem nós podemos nos tornar’, ‘como nós temos sido representados’ e ‘como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios’”.

Castells (2006) define a identidade como fonte de significado, em função do processo de autoconstrução e individuação que envolve e as experiências de um povo.

Entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras formas de significado. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver múltiplas identidades. No entanto, essa pluralidade é fonte de tensão e contradição tanto na auto-representação quanto na ação social (CASTELLS, 2006, p. 22).

Nessa perspectiva, a construção da identidade se dá por meio de relações e de conflito de poder. O autor propõe três formas de constituição da identidade: legitimadora, de resistência e de projeto, estando elas estritamente relacionadas ao



contexto social e às formas de representação. A identidade legitimadora é mantida pelas instituições constitutivas dominantes da sociedade, como a escola, a igreja e o Estado, com finalidade de estender e racionalizar a sua dominação sobre os atores sociais. A de resistência é constituída por atores que se encontram em posições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela sociedade, criando formas de sobrevivência em relação à lógica da dominação que se opõe aos princípios usuais ou são diferentes deles. Já, a identidade de projeto dá-se quando os atores sociais utilizam-se de algum bem cultural ao seu alcance para construir uma identidade de forma a redefinir sua posição na sociedade, podendo transformar a estrutura social que os cerca.

Independente da forma de constituição da identidade, ela sempre se dá por meio da representação. A representação é como qualquer sistema de significação simbólica - é uma forma de atribuir sentido (SILVA, 2009). Sentido a experiência do sujeito e ao que ele se constitui. É isso que lhe permite responder quem é e o que quer ser. Da mesma forma, segundo Touraine (1997) a identidade se constrói sustentada pela diferença, pois depende da alteridade para se constituir. Ela sempre se dará por uma lógica de exclusão, à medida que se reconhece como tal por ter características que outra identidade não tem, fundamentando-se no relacional.

No entanto, Cuche (1999) salienta que apesar da estreita ligação, não se pode confundir identidade cultural com noções de cultura. A cultura depende, na sua maioria, de processos inconscientes, já que pode existir sem consciência de identidade. Já a identidade está diretamente vinculada a processos conscientes, baseada em oposições simbólicas, podendo até manipular e modificar uma cultura. O autor (1999, p. 182-3) afirma que a identidade cultural está diretamente ligada à questão da identidade social - ela é uma construção social e faz parte do âmbito da representação: “a construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e escolhas” e acrescenta que “ela se constrói e reconstrói constantemente no interior das trocas sociais”.

Então, a construção da identidade dá-se tanto no individual, por meio de processos de subjetivação, como no social, já que o homem é um ser social e é influenciado, assim como pode influenciar, pelo meio que o circunda. Medeiros (2004, p. 117) lembra que a vida em sociedade envolve normas, crenças, valores, imagens e



representações que se relacionam com diferentes grupos de identificação e/ou pertencimento. “A identidade permite que o indivíduo consiga se situar em um sistema social e seja, neste mesmo sistema, localizado socialmente”. Assim, a identidade se constrói a partir da adesão e/ou rejeição que o indivíduo terá em seu meio social.

2 Identidades juvenis, representação social e comunidade

As identidades juvenis estão cada vez mais perpassadas pelo consumo e pela apropriação tecnológica, características estas inerentes à atualidade. Martín-Barbero (2001) fala que ser jovem hoje tem seu sentido invertido, ao passo que isso significa a matriz cultural de um novo ator social, de um novo valor que se confronta com o que representa ser velho – isto é, a experiência e a memória. Trata-se de uma identidade que desafia a percepção e a racionalidade: é uma “identidade que se forma em um duplo movimento de des-historização e de desterritorialização que atravessam as demarcações culturais. E deslocalizadas as culturas tendem a hibridar-se como nunca antes” (MARTÍN-BARBERO, 2001, p. 240). Segundo ele, há uma desvalorização da memória, uma espécie de apagamento histórico, uma empatia tecnológica e uma contracultura política.

Esse tipo de imersão dos jovens na atualidade, como lembra Ronsini (2007, p. 15), caracteriza um novo modo de relação com o imaginário social. Os apontamentos realizados por estudos que tratam das identidades juvenis permitem “enfrentar os desafios que a globalização nos instiga a pensar, pois as relações entre as culturas juvenis e as indústrias culturais são sintomáticas de mudanças profundas nos modos de ser, perceber e relacionar-se no mundo contemporâneo”.

Ao referir-se a essa identidade jovem e contemporânea, Borelli e Oliveira (2010, p. 11) destacam a “importância do associativismo juvenil em grupos culturais, artísticos e esportivos que ocupam espaços públicos”. Segundo elas, esses exercícios envolvem pertencimento, apropriação e produção coletiva que estimulam a constituição de hábitos culturais participativos e democráticos, desencadeando jovens protagonistas - agentes transformadores do mundo em que vivem.



Pertencimento, apropriação e participação constituem-se nos pilares que sustentam o conceito de comunidade, assim como a representação social que é tomada e construída a partir dela.

O uso do conceito de comunidade remonta ao século XIX. Um dos pesquisadores do assunto foi Ferdinand Tönnies, apontado como teórico da comunidade (MIRANDA, 1995 apud RECUERO, 2005). É ele quem cria a dicotomia entre comunidade (*Gemeinschaft*) e sociedade (*Gesellschaft*), em que a primeira, espécie de tribo primitiva, associada a hábitos, costumes e religião, opõem-se à segunda, caracterizada pela vida moderna, pela convenção social, pelo individualismo. Trata-se de construções idealizadas.

Durkheim e Buber também possuem suas teorias baseadas no tipo ideal. Para Émile Durkheim (1978 apud RECUERO, 2005), a comunidade antecede a sociedade. É após que ela se transforma em sociedade. De mecânica, a sociedade passa para uma forma orgânica, fonte de trocas sociais, onde por meio da divisão do trabalho surge a solidariedade orgânica, onde todos os indivíduos são necessários. Já Buber (1987, apud RECUERO, 2005) acredita numa “nova comunidade”, que tem como base a escolha e não os laços de sangue como as comunidades antigas.

Na forma contemporânea de pensar, podemos citar Weber. Ele diz que comunidade e sociedade coexistem. O conceito de comunidade é baseado na ação social. Para Weber (1994, apud RECUERO, 2005), ela se apóia em qualquer tipo de ligação emocional, afetiva ou tradicional – ou seja, tem-se o sentimento de pertencer. Maffesoli (2006) fala na “comunidade de destino” em que se recriam os usos e costumes, os mitos e ritos e habitus de uma dada sociedade.

Já Raquel Paiva (2002, p. 08) considera o conceito de comunidade marcado pela territorialidade e pela centralidade, onde uma coletividade, num determinado território, possui problemas comuns que não podem ser resolvidos de maneira individual. É a partir disso que a autora fala em comunidade gerativa, sobre a qual “pretende-se designar o conjunto de ações (norteadas pelo propósito do bem comum) passíveis de serem executadas por um grupo e/ou conjunto de cidadãos”. Isso se dá devido à falência das políticas públicas e uma série de outros fatores que geram a busca por alternativas.



Henriques (2005) discute o formato multiaxial das comunidades contemporâneas colocando em xeque a noção de territorialidade, já que não é condição para isso o compartilhamento de um território comum. O autor diz que os limites externos da comunidade são difusos, com diversos centros de convergência dos sujeitos, e isso está diretamente ligado ao desenvolvimento dos meios de comunicação. Já Bauman (2003, p. 57), ao referir à questão da identidade, diz que a comunidade é vista como lugar de aconchego “lugar da segurança, do pertencimento, dos vínculos e das semelhanças identitárias”.

A discussão não se esgota nesses aspectos, pois cada grupo pode entender o conceito de comunidade de maneira diferente, da forma que melhor traduzir a sua realidade. Independente dos significados, sabe-se que a comunidade é fonte de identidade (CASTELLS, 2006), pois é construída a partir de desejos e interesses comuns, tornando-se um espaço, não necessariamente físico, de trocas e de pertencimento, de identificação.

3 TV OVO – a construção da identidade juvenil

Discutir a formação da identidade de sujeitos contemporâneos é vislumbrar diversas possibilidades nos contextos históricos e sociais a que cada pessoa está ligada ou que se relaciona. Manuel Castells (2006) afirma que a construção das identidades está ligada a um contexto social e que devem ser situadas historicamente.

Para aprofundar um pouco mais a discussão acerca da formação das identidades inseridas em um contexto social, histórico e cultural, toma-se o caso da TV OVO, de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Surgiu em 1996, pela iniciativa da associação de moradores da Vila Caramelo com o apoio da Escola Municipal Irmão Quintino. Inicialmente, era apenas uma oficina de audiovisual para os adolescentes do bairro periférico, mas, em 1997, foi institucionalizada pelos próprios jovens participantes que se tornaram monitores das oficinas seguintes. A TV OVO é uma associação comunitária sem fins lucrativos que proporciona formação cultural e técnica em audiovisual a jovens da periferia da cidade. Ao longo dos seus 15 anos de existência, passaram por ela mais de 500 jovens, uma média de 30 por ano. A TV OVO caracteriza-se como um meio de comunicação alternativo que simultaneamente visa à



formação profissional de jovens em situação de exclusão social e promove a democratização do direito social à cultura. Além disso, possibilita que eles entendam e produzam peças audiovisuais sempre abordando a realidade onde vivem, incentivando o protagonismo juvenil na medida em que promove projetos que os colocam em contato direto com a comunidade, desencadeando um processo de criticidade na forma de pensar e de agir.

A TV OVO se constitui dentro dos movimentos sociais. Ela se organiza de forma a suprir necessidades da sociedade civil onde o poder público não atua, nesse caso específico, uma política que proporcione a formação e o acesso a atividades culturais a jovens que vivem na periferia de Santa Maria. Peruzzo comenta como esse processo acontece na esfera dos movimentos sociais.

Em primeiro lugar passam de uma fase de manifestações públicas, para uma outra em que se preocupam em constituírem-se enquanto organizações legal e solidamente estruturadas. Depois, sentem a necessidade de uma articulação, a que alguns chamam de “unificação” dos movimentos. É a articulação de entidades e movimentos visando ações conjuntas, seja em nível setorial, municipal, estadual e nacional. Por fim, passam a aceitar participar de parcerias com o setor público e também com instituições privadas, como forma de somar forças e atender as demandas crescentes da sociedade (PERUZZO, 1998a, p.40-44, *apud* PERUZZO, 2002, p. 07).

Parcerias com a sociedade, instituições privadas e projetos que visam editais públicos são as formas encontradas por essas organizações para sobreviver. Os movimentos sociais contribuem “para alterações no campo da cultura política, por meio da ampliação do espectro da participação política [...] contribuindo para o processo de democratização e ampliação da conquista de direitos de cidadania” (PERUZZO, 2002, p. 08).

Na TV OVO, os jovens ingressam por meio de oficinas de audiovisual realizados em bairros periféricos da cidade. São cerca de 6 horas/aulas semanais, distribuídas em oito meses de oficinas, ao final das quais, quem tiver interesse, pode integrar a TV de forma voluntária. As atividades compreendem a produção de um programa mensal de trinta minutos sobre temáticas de interesse da comunidade, além de



itinerâncias cineclubistas e coberturas de eventos como Feira do Livro, Feira Estadual do Cooperativismo, Fórum Internacional do Software Livre, entre outros.

Atualmente, pode-se associar a TV OVO com a “identidade de projeto”, conforme o conceito proposto por Castells (2006), pois, passados 15 anos, ao se utilizar do audiovisual, ela se constituiu num espaço de identificação, que envolve participação, sentimento de pertença, apropriação e representação por parte dos jovens que atuam nela, como sujeitos e protagonistas de sua própria história. Trata-se da

[...] inserção da pessoa num processo de comunicação, onde ela pode tornar-se sujeito do seu processo de conhecimento, onde ela pode educar-se através de seu engajamento em atividades concretas no seio de novas relações de sociabilidade que tal ambiente permite que sejam construídas (PERUZZO, 2002, p. 09).

Nesta perspectiva, é relevante estudar como os jovens, oriundos da periferia, frutos de uma cultura urbanizada e marginalizada se apropriam de uma mídia alternativa, no caso a TV OVO e de como esse processo influencia na formação das identidades culturais. Isso permite entender um pouco mais do multi-universo jovem e das identidades juvenis que se constroem na contemporaneidade, bem como verificar o papel dos movimentos sociais na atualidade.

O que se observa na TV OVO é a constituição de uma identidade profissional audiovisual por parte dos jovens que participam dela, gerando novas perspectivas a eles e tornando-os atores sociais. Isso pode ser afirmado na medida em que muitos dos jovens que passaram por ela buscaram profissionalizar-se em nível superior e atuam em TV's, produtoras, Pontos de Cultura⁴ e na própria TV OVO. No entanto, essa atuação não se restringe somente ao fazer técnico, mas também à produção de conhecimento e divulgação da cultura, na medida que produzem filmes, documentários e matérias televisivas.

Ao participar e se apropriar dos aspectos culturais proporcionados pela TV OVO, tem-se a constituição de sujeitos – jovens que saem do lugar comum e se

⁴ “São entidades reconhecidas e apoiadas financeira e institucionalmente pelo Ministério da Cultura que desenvolvem ações de impacto sócio-cultural em suas comunidades. Um aspecto comum a todos é a transversalidade da cultura e a gestão compartilhada entre poder público e comunidade.” disponível em <http://www.cultura.gov.br/culturaviva/ponto-de-cultura/>



transformam em atores sociais. Touraine (1997) define o sujeito como a combinação de uma atividade racional e de uma identidade cultural e pessoal, que torna o indivíduo em um ator social, capaz de modificar o meio em que vive.

Para o indivíduo se tornar sujeito, é preciso que este seja reconhecido pelo Outro, isto é, ser sujeito pressupõe reconhecer o Outro e a si mesmo como sujeitos. Trata-se de constituir-se na alteridade, buscando o reconhecimento da universalidade e da particularidade do Outro. Neste contexto, está a diversidade cultural, “que procura combinar a diversidade das experiências culturais com a produção e a difusão de massa dos bens culturais” (TOURAINÉ, 1997, p. 225), buscando o equilíbrio com a visão da complementaridade. Trata-se de educar para a cidadania, ou seja, reconhecer as diferenças e ter a capacidade de conviver com a cultura do outro.

4 Comunicação comunitária: a formação da cidadania

Viver na complexidade atual requer reconhecer a diversidade e a pluralidade dos sujeitos. É a partir disso que se pode estabelecer um diálogo entre a comunicação comunitária, o multiculturalismo e a educomunicação. Ou seja, trabalhar as questões da diversidade aliando educação e comunicação para além dos aspectos teóricos, aplicando-os no dia a dia. Peruzzo (2002) lembra que no âmbito do terceiro setor, a educomunicação atua, principalmente, em favor da cidadania:

As pessoas, ao participarem de uma práxis cotidiana voltada para os interesses e necessidades dos próprios grupos a que pertencem ou ao participarem de organizações e movimentos comprometidos com interesses sociais mais amplos, acabam inseridas num processo de educação informal que contribui para a elaboração - reelaboração das culturas populares e formação para a cidadania (PERUZZO, 2002 p.02).

No caso da TV OVO, que abarca uma pluralidade de jovens, oriundos de diferentes bairros, formações e realidades, tem-se um espaço de vivência, aprendizado e construção de identidades multiculturais. Enquanto meio de comunicação alternativo, ela se apresenta como um ambiente que incentiva o protagonismo juvenil. Os sujeitos refletem, problematizam e dão visibilidade ao seu cotidiano, tornando-se autores de sua história, constituindo sentido para sua vida, ao trabalhar questões como direitos e



deveres e ao retratarem suas realidades por meio do audiovisual. Canclini (1999, p. 46) diz que “ser cidadão não tem a ver apenas com os direitos reconhecidos pelos aparelhos estatais para os que nasceram em um território, mas também com as práticas sociais e culturais que dão sentido de pertencimento”. Já Vieira (2001), diz que a cidadania, no campo das Ciências Sociais, “condensa uma série de outros valores, como igualdade, solidariedade, pertencimento, liberdade e participação”.

Mata (2006) fala em cidadania comunicativa que remete aos direitos de liberdade de expressão, direito à informação e à possibilidade de exigir visibilidade de assuntos de interesse público, valores, estes, presentes nos chamados direitos de terceira geração. A cidadania comunicativa “se entrelaça com as referências identitárias e os desejos gerais de igualdade não só em relação ao Estado, mas também em relação com a ação do mercado e todo o tipo de dispositivos que promovem a desigualdade” (MATA, 2006, p.13).

A TV OVO desempenha papel importante no exercício da cidadania e na formação das identidades culturais dos jovens ao se constituir em processo educativo e ao envolvê-los na produção de informação, de conhecimentos e na representação da comunidade onde vivem. Além dos participantes aprenderem a técnica audiovisual, também são trabalhadas bases conceituais no que se refere à comunicação comunitária, ou seja, o processo se dá de forma participativa e a dialógica. Eles debatem que tipo de informações repassar e de que forma, que linguagem audiovisual usar - componentes que vão além da técnica e além do transmitir saber, mas que se dão por meio de uma construção conjunta de saberes. Trata-se de uma comunicação pensada e gestada por jovens, com base nos princípios educacionais e comunitários, que implica na “participação ativa, no sentido de pertença que desenvolve entre os membros, na co-responsabilidade pelos conteúdos emitidos, na gestão partilhada, na capacidade de conseguir identificação com a cultura e interesses locais” (PERUZZO, 2005, p. 04).

A comunicação comunitária é o pano de fundo de todo esse processo, ao passo que ela surge da necessidade de democratização do acesso e da produção de informação, e se desenvolveu enquanto uma alternativa perante o monopólio midiático, permitindo à população criar suas próprias formas e instrumentos para a defesa de seus interesses.



A comunicação comunitária se caracteriza por processos de comunicação baseados em princípios públicos, tais como não ter fins lucrativos, propiciar a participação ativa da população, ter propriedade coletiva e difundir conteúdos com a finalidade de educação, cultura e ampliação da cidadania (PERUZZO, 2006, p.09).

Muniz Sodré (2005), ao discorrer sobre as minorias, fala da busca de uma abertura contra-hegemônica, onde se dá vez e voz a quem não tem, indo ao encontro do que diz Castells (2006), ao tratar da “**identidade de projeto**”, já mencionada neste trabalho. Já Barbalho (2005) aponta que “a cidadania, para as minorias, começa, antes de tudo, com o acesso democrático aos meios de comunicação” e, pode-se acrescentar, com o direito à informação para a constituição do indivíduo em sujeito.

Essa pluralização dos meios de comunicação permite a formação de atores sociais frente a veículos alternativos e consente a jovens, como os da TV OVO, serem protagonistas de sua própria realidade, estimulando e desenvolvendo a mobilização e a participação cidadã, por meio de processos educomunicativos.

As relações entre educação e comunicação se explicitam, pois as pessoas envolvidas em tais processos desenvolvem o seu conhecimento e mudam o seu modo de ver e relacionar-se com a sociedade e com o próprio sistema dos meios de comunicação de massa. Apropriam-se das técnicas e de instrumentos tecnológicos de comunicação, adquirem uma visão mais crítica, tanto pelas informações que recebem como pelo que aprendem por meio da vivência, da própria prática (PERUZZO, 2002, p. 11).

A educação deixa de ser algo limitado aos bancos da escola e se expande para a esfera informal. Trata-se de informações produzidas para e pela comunidade, o que significa que além de os sujeitos se constituírem dentro da TV OVO, eles também se constituirão fora dela - na comunidade que interage, participa, atua e se vê nas produções.

O processo realizado na TV OVO envolve: conhecer a comunidade onde vive, se informar sobre seus principais anseios, abordar os projetos desenvolvidos nela, pensar na coletividade as pautas que podem ser realizadas sobre tais assuntos, discuti-las e



escolher a forma mais adequada de abordá-las, produzi-las, ir até o local e gravar, depois editar e exibir na e para a comunidade. Isso faz com que esses jovens atuem e se apropriem desse canal de comunicação que é a TV OVO. E, no momento, que tomam gosto pelo fazer comunicação na esfera informal, muitos vão em busca de mais e procuram a formação superior na área.

5 Considerações Finais

O papel dos movimentos sociais é o de fazer frente aos problemas enfrentados pela sociedade, buscando alternativas para superá-los. Embora a proposta da TV OVO não esteja necessariamente ligada a uma demanda mais incisiva, como, por exemplo, o Movimento Sem Terra (MST) ou o movimento sindical, ela, indubitavelmente, exerce uma função relevante ao possibilitar que jovens tenham a oportunidade de fazer a diferença e criar novas expectativas para suas vidas.

Projetos como este, mesmo que não atendam a um grande número de pessoas, vão, aos poucos, causando transformações profundas na sociedade. O incentivo ao protagonismo juvenil, ao proporcionar que os jovens selecionem, coletivamente, as informações de maior interesse da sua comunidade e as produzam; o sentimento de pertença, à medida que veem a TV OVO como um espaço de identificação, de compartilhamento de ideias, projetos e sonhos; a participação, permitindo que desenvolvam projetos que mantenham a TV funcionando e que envolvam os santamarienses, tornando-a numa referência comunitária; a possibilidade de divulgar conteúdos e ganhar visibilidade, contribuindo para a descentralização da produção de informação e da própria cultura do audiovisual. Estes aspectos fazem da TV OVO um espaço de exercício da cidadania comunicativa e de constituição de identidades.

Além disso, a TV OVO é uma importante ferramenta na propagação da educação informal, ao trabalhar na perspectiva da educomunicação. Ela ensina aos jovens técnicas e conceitos audiovisuais, desenvolvendo a sua criticidade. Quando se desconstrói e se aprende processo de produção televisiva e cinematográfica, a maneira de apropriar-se desses produtos muda significativamente.

Outro aspecto a ser salientado, é que na medida em que se trabalha a comunicação e a educação, também são trabalhadas as diferenças da sociedade, que se



compõe como plural e diversa. A TV OVO, ao se constituir num ambiente que abriga jovens oriundos de diferentes realidades e formações, acaba por abordar essas questões e abranger o multiculturalismo, de forma a educar para o convívio com as diferenças e para o respeito com as mesmas.

Movimentos dessa natureza forjam a participação social, o envolvimento comunitário e ampliam a cidadania. Ao se inserir nesse processo educacional, o jovem torna-se sujeito e protagonista do mundo onde está inserido. Isto agrega novos elementos ao seu conhecimento, enriquece sua cultura e lhe permite ver a realidade de uma forma diferente, transformando a sua relação com ela.

6 BIBLIOGRAFIA

BARBALHO, Alexandre. **Cidadania, minorias e mídia: ou algumas questões postas ao liberalismo**. IN: PAIVA, Raquel e BARBALHO, Alexandre (orgs.). Comunicação e Cultura de Minorias. São Paulo: Paulus, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BORRELLI, Silvia H. S.; OLIVEIRA, Rita de Cássia. **Jovens urbanos, cultura, novas práticas políticas: acontecimentos estético-culturais e produção acadêmica brasileira (1960-2000)**. In: 33º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010, Caxias do Sul. Anais Intercom, 2010. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-3105-1.pdf>, acessado em 15 out. 2010.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

CASTELLS, Manuel, O poder da identidade: A era da informação - economia, sociedade e cultura. 5ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: Edusc, 1999.

HALL, Stuart. **Quem precisa de identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2009.

HENRIQUES, Márcio Simeone. Comunicação, comunidades e os desafios da mobilização social. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Uerj – 5 a 9 de setembro de 2005.

MAFFESOLI, Michel. Comunidade de Destino. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 12, n. 25, p. 273-283, jan./jun. 2006.



MATA, C. **Comunicación y ciudadanía: problemas teórico-políticos de su articulación.** Revista *Fronteiras*, v. 8, n. 1, jan./abril 2006. Disponível em http://www.audiovisual.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/pdfs_frenteiras/vol8n1/art01_mata.pdf, acessado em 20 out. 2010.

MARTÍN- BARBERO, Jesús. **Al sur de la modernidad: comunicación, globalización y Multiculturalidad.** Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana. Universidad de Pittsburgh, 2001.

MEDEIROS, João Luiz. **A identidade em questão: notas acerca de uma abordagem complexa.** In: DUARTE, Maria B. B.; MEDEIROS, João Luiz (orgs.). *Mosaico de identidades: interpretações contemporâneas das ciências humanas e a temática da identidade.* Curitiba: Juruá Editora, 2004.

PAIVA, R. *Política de minorias: comunidade e cidadania.* Salvador, Intercom, 2002.

PERUZZO, Cíclia M. K. **Comunicação comunitária e educação para a cidadania.** Revista *PCLA – V. 4 – n. 1, out. / nov. / dez. 2002.* Disponível em <http://www.metodista.br/poscom/cientifico/docentes/cicilia-peruzzo/artigos-de-cicilia-peruzzo>, acessado em 23 dez. 2010.

PERUZZO, Cíclia M. K. **Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária.** In: 29º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Brasília. *Anais Intercom, 2006.* Disponível em <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/19806/1/Cicilia+Peruzzo+.pdf>, acessado em 20 dez. 2010.

PERUZZO, Cíclia M. K. **Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania.** Revista *Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, ano II, n.3, jul/dic. 2005. São Paulo: ALAIC. p.18-41. Disponível em <http://www.buscalegis.ufsc.br/revistas/index.php/buscalegis/article/view/32403/31619>, acessado em 13 out. 2010.

RECUERO, Raquel da Cunha. *Comunidades em redes sociais na internet: proposta de tipologia baseada no Fotolog.com.* 2006. Tese – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2006.

RONSINI, Veneza Mayora. **Mercadores de Sentido.** Porto Alegre: Sulina, 2007.

ROSA, Rosane. **Cidadania Expandida e Identidades Compartilhadas.** *Razón y Palabra: Primera Revista Digital em Iberoamérica Especializada em Comunicología*, nº 70. México: 2009. Disponível em http://www.razonypalabra.org.mx/13%20Rosa_revisado.pdf, acessado em 20 out 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença.** In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.* Petrópolis: Vozes, 2009.

SODRÉ, Muniz. **Por um conceito de minoria.** IN: PAIVA, Raquel e BARBALHO, Alexandre (orgs.). *Comunicação e Cultura de Minorias.* São Paulo: Paulus, 2005.



TOURAINÉ, Alain. **Iguais e diferentes: Poderemos viver juntos?** Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

WOODWARD, Katryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.** In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.** Petrópolis: Vozes, 2009.